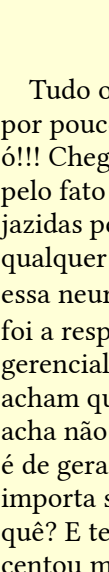


ONAIR NUNES

DO GRIPEN,

passando pela necessidade nos próximos 2, 3 anos de algo como 450.00 Especialistas e Juniores em tecnologia do processamento de dados, gráfico e da informação

AO FOGÃO A LENHA



Vamos ficar assistindo enquanto o Brasil é liquidado? Vamos continuar reclamando, reclamando, só o que sabemos fazer? Já foi avisado, se pudesse venderia tudo — Está chegando a hora da Petrobras. Um dos itens em nossa lista de compras: Barril do (nosso) petróleo, extraído do mercado internacional a custo final, nos custará o preço do mercado internacional (um dia desses, não faz muito tempo, ultrapassou a casa dos cem dólares americanos). Enquanto isso, estamos nos distraindo com fogo de diversão. Não permanecer mero espectador compreende posicionamentos claros e firmes, sem bravatas, dentro da lei.

Tudo o que é nosso o é enquanto não aparecem compradores. O KC 390 por pouco não nos escapa na cambulhada da Embraer, e por um precinho, ó!!! Chega-se aos calafrios só em pensar na venda da Petrobras, a começar pelo fato de que uma estatal como a empresa, e junto com ela as nossas jazidas petrolíferas, não pode entrar, como não entra, na lista de vendas de qualquer país. Pergunte-se aos franceses se, em termos de governo, têm essa neura galopante relativamente às estatais. Eu já perguntei. Sabe qual foi a resposta? Pois lhe conto: Não é apenas questão de competência gerencial, ouvi, é, sobretudo, questão de viabilidade. Vocês, brasileiros, acham que a estatal tem de funcionar sozinha, o gestor é um sujeito que acha não dever satisfação a ninguém, que dinheiro público não tem dono, é de geração espontânea e, se não chegar à medida do necessário, não importa se os custos são abusivos e descontrolados, azar, quer que eu faça o quê? E tem também, lenda ou não, aquela do General, você sabe!, acrescentou meu interlocutor. Aqui, meu caro, disse-me ele, funcionário público é cobrado, seja quem for ou que posto ocupe. Não tem essa de mandar e desmandar e fazer o que lhe der na cabeça, se tentar, a vida dele se transforma num inferno. Nós praticamos, no mínimo, nesses casos, e com muita competência, o arremesso de tomates; às vezes, quando estamos muito zangados, atiramos-lhes batatas. As batatas francesas são de muito boa qualidade, têm excelente consistência e são graúdas”, finalizou ele.

E, acrescenta este humilde blogueiro, tem também a questão da decência e da vergonha na cara; olho para o relógio do laptop, que marca 00:52 de quarta-feira, 29 de Setembro. Pois saiba que o desavergonhado de plantão acabou de copiar o arremate do parágrafo anterior, o que vem fazendo desde que abriu a máquina, se bem eu não saiba se age desse modo por ter baixa qualificação perceptiva. Ele pode ter lá suas sofisticadas, sabe-se lá, aguarda a conclusão do raciocínio para só depois praticar o seu ofício desclassificado. Ou não! De repente é um tanto burrinho, mesmo (exatamente neste ponto deu outra copiada, sei não, tem gente de prazeres tão estranhos!...). Mas, voltando à conversa sobre os franceses, lá também acontecem essas coisas, é claro, mas não dessa forma escancarada, despuddorada, abusada, com a *natural* habitualidade dos nossos *espertos*. Delinqüente subdesenvolvido torna a delinqüência ainda mais, sei lá outra vez, a palavra está querendo sair, não vou, contudo, dizê-la, digo, escrevê-la, é muito rasteira, bem do nível do que descreveria, dita fosse.

Quanto aos Gripen, são uma espécie de libertação. Consamos de tecnologia obsoleta e apareceu quem se dispôs a “quebrar a escrita”, o que, como quase tudo (ou tudo?) nesta vida tem um outro lado, no caso uma quebra de escrita de mão dupla; pessoas desempregadas, pobres, estão cozinhando com os pedaços de madeira que conseguem arranjar, sim, porque desempregado e pobre não compra lenha — com que dinheiro? —, uma sacanagem inqualificável. Para melhorar os dividendos dos acionistas? A propósito, como evoluiu o custo do botijão de gás (13kg) desde os números imediatamente anteriores à disparada do preço? Mercado, essa esfinge! Ou uma górgona? Tem muita gente boa a dizer que não sabe o que é Mercado; e tem também muita gente nem tão boa assim que sabe: Mercado é um sofisma para designar o poder econômico, que manda e desmanda no país. A disparada do preço do bujão de gás não é consequência da disparada dos custos, que, se alegada, precisa ser provada. Gás de cozinha, gasolina, tem que provar, sim! Pessoas, cidadãs, notadamente mães e esposas que seguram a barra, essas mulheres maravilhosas estão sofrendo, já comiam mal, agora estão comendo cru, quando conseguem alguma coisa para cozinhar. É necessário remunerar adequadamente os acionistas, o que só é possível com fartos lucros? Então se vire, Sr. Nunes, mostre que é do ramo, se não sabe fazer peça ajuda a quem sabe, mas pare de maltratar essa gente indefesa, sofrida que já não sabe como sobreviver; a base da pirâmide está pagando o pato pela sua falta de jeito. Privatizar? Não é hora, muito menos a Petrobras, que, se vendida, estaria, isto sim, sendo atirada no lixo porque sua venda não resolveria nenhum dos problemas cruciais do país, muitíssimo ao contrário, nos provocaria problemas monumentais, sem falar-se que provavelmente o BNDES emprestaria aos compradores dinheiro a baixo custo para nos tirarem uma das jóias a nossa coroa. É uma esquisitice de tal porte que o simples fato de ser cogitada causa espécie, muita desconfiança, aquela história da mulher de Napoleão: Não basta ser sério, é preciso parecer sério.

Impõe controlar a voracidade desse Moloc insaciável a que chamam Mercado, é parte do seu trabalho, Sr. Nunes, tem de sobrar Brasil para os cidadãos, especialmente os mais pobres. Ou pensa Vouca Excelência, deificada, do alto do seu Olimpo, que com umas poucas parcelas de minguaudos Reais os problemas deles estão resolvidos?

Não vivemos nenhuma novidade, tudo o que estamos passando, todo o nosso mal-viver é consequência do que temos vindo desde sempre, desde quando aquelas caravelas aportaram por estas terras, Baía afora, passando pela Independência e pela proclamação da República. Todos os candidatos à presidência em 2022 foram formados nessa escola, todos são responsáveis pelo que nos sucede, nenhum deles vai mudar nada porque não quer, de fato, mudar nada, ou não pode por força de compromissos assumidos para obter apoio, ou porque os formidáveis interesses por trás do sofrimento de nossa gente não permitirão. A solução para o Brasil mais uma vez está na Constituição, cumpra-se o que ela determina em seus dispositivos de abertura, é lá que está o país que ela quer embalar em seu seio, é por lá que deve ser roteirizado o Orçamento da República, assim como a forma do Executivo, a partir do papel que lhe é constitucionalmente reservado, livrar-se das leis políticas que o tolhem no ritmo de interesses politicamente instrumentados sem romper a harmonia dos poderes, sem depender de jeitinhos e acordos, especialmente se espúrios. Há que se contemplar prioritariamente o que fundamenta a República e trabalhar sobre isso. Se não restarem recursos para os “luxos” e liberalidades, diga-se de forma clara: A Constituição tem de ser observada em seus fundamentos. Os demais poderes têm de agir de igual forma, sem caviar, sem vinhos caros, sem renúncias fiscais, sem benesses. Se for necessário ir ao Supremo, que se vá. Definitivamente, (1) o país não tem recursos para sustentar os palácios de aço, vidro e mármore que abrigam suas instituições, de luxo acintoso, destinar recursos à construção de novas unidades públicas do padrão existente, devendo ser revistos os privilégios criados em benefício de cargos, pessoas e grupos, (2) destinados os recursos realisticamente realizáveis ao atendimento das prescrições constitucionais fundamentais, as demais rubricas orçamentárias deverão ser atendidas após o curso de urgente e necessário redimensionamento institucional de modo a adequar as Instituições da República à sua capacidade de sustentá-las, sem abrir mão da qualidade e seriedade das funções exercidas e (3), férrea postulação de convocação da Assembleia Nacional Constituinte deve ser parte dos programas e esforços de todo candidato que espere conquistar a confiança do eleitor consciente, antecipadamente estabelecido que os Artigos de 1 (um) a 5 (cinco) da Constituição permanecerão intocados, não permitida sequer alusão à sua colocação em discussão.



Tudo perfeitamente previsível, republica-se. Só não viu quem não quis. Queira ver a seguir:

É Urgente.

Publicado originariamente em 17 de Janeiro de 2018

Acorda, patricio.

Publicado originariamente em 22 de Janeiro de 2018

Tornou-se insuportável, um outro país precisa ser construído.

Publicado originariamente em 24 de Janeiro de 2018 com base em Artigos anteriores

Um Desastre e Uma Saída Justa.

Publicado originariamente em 22 de Agosto de 2018

É URGENTE

PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 17 DE JANEIRO DE 2018

Revedo o artigo publicado em 13 de Setembro de 2017, e fazendo remissão ao artigo de antonomástico, segunda-feira, 15, o blog insiste na sinistra perspectiva econômico-social representada pelo desprezo ao ensino no país. É cediço a histórica posição das Administrações brasileiras para com as escolas e universidades, nenhum interesse real, e fazo o possível, desde que regalias oficiais, vantagens funcionais e pessoais, apadrinhamentos e favorecimentos sejam política, conveniente e prioritariamente atendidos. É um problema histórico, embora as últimas Administrações tenham tentado agir para, senão reverter, minorar os efeitos negativos dessa orgia malevolente de que é vítima a população do país em seus segmentos mais pobres e humildes. A última Administração incomodou muita gente com isso e, pelo conjunto da obra, acabou destituída. A atual Administração Federal, salvo o seu samba de uma nota só quanto ao nosso sistema de ensino, está alheia à questão maior. Qual é a situação presente da Universidade Federal de Minas Gerais?

Educação é assunto de Estado, não envolve apenas o desenvolvimento pessoal e educacional; é item, com reflexos na educação formal e perpassões culturais; é e se tem de merecer relevância no equilíbrio social, estratégico, portanto. A nação brasileira precisa começar, já, a construir um outro país para ela se quiser sair do atoleiro em que as práticas reiteradas que todos conhecemos a enfiaram. E educação, no estágio brasileiro atual, não é, sequer, prioridade, tem de ser a razão de existir do Estado, passando todo o resto para segundo plano. O blog comparou figuras aproximadamente comparáveis em suas similitudes, incluindo países da América do Sul. De resto, nada mais é comparável entre Brasil e Estados Unidos. Por ser a maior democracia presidencialista e republicana do planeta, o país do norte é uma referência natural para nós, democracia republicana e presidencialista que somos, quando se discute a república, o nosso sistema de governo e o nosso Congresso. Referência, não exemplo ou padrão a ser observado; poderosos fatores humanos, históricos e culturais na raiz de suas formações dão a Brasil e Estados Unidos facetas e práticas muito específicas que impedem qualquer analogia fora do campo puramente técnico. Sistemas de governo e legislativos podem e devem ser considerados sob um ponto de vista estritamente técnico para de tal consideração extrair a conclusão possível para construção de um modelo de flexão e/ou derivação próprio. Experiências não se transferem, notadamente entre países. Seguindo com a reflexão:

Com uma população de 208 milhões de habitantes, o Brasil fechou o seu PIB nominal em 2016 na altura do US\$ 1,8 trilhão. Em 2015 a população do Estado do Texas, EUA, era de 27,4 milhões de habitantes para um PIB, no mesmo ano, de US\$1,639 trilhão; em Julho de 2017 a população do Estado do Piauí, o menor do Brasil, girava em torno dos 3,2 milhões de habitantes para um PIB de aproximados US\$5,1 bilhões. O Estado do Texas, EUA, tem 2 (dois) Senadores no Congresso Americano, o Estado do Piauí, o menor do Brasil, tem 3 (três) Senadores no Congresso Brasileiro. Com despesas e privilégios de assustar. Os dados acima levam-nos a refletir sobre o quanto não temos para pagar tanta regalia a tanta gente, resultando no quanto não temos para o que é essencial. E esse é apenas um dos motivos de nossa penúria fiscal. Existem muitos outros, além da corrupção desenfreada e sistêmica, a estrela do lamentável espetáculo brasileiro de desmandos e malevolências. É por todos os modos necessário redimensionarmos a estrutura do país, começando pelo Poder Legislativo, uma hidra de 584 cabeças a devorar por meios diversos os nossos recursos públicos. É imprescindível que a Sociedade brasileira se organize por bairros, cidades, Estados, categorias funcionais e profissionais no sentido de montar uma agenda de medidas a serem necessariamente implementadas para acabar com os descalabros a que está submetida e cuja conta, como um todo, paga, enquanto empobrece com velocidade cada vez maior, distanciando-se eceleramente das chamadas elites sociais e econômicas. Tudo dentro da lei e da ordem, e com autoridade. É possível. Sem isso não iremos à bancarrota, por já estarmos nela; continuaremos, ligeiros, em direção ao sistema de castas econômico-sociais em início de formação no Brasil.



ACORDA PATRÍCIO

PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 22 DE JANEIRO DE 2018

Não houve equívoco na aritmética. O blog, conservadoramente, estimou em 10 (dez) o número de Congressistas a não se constituírem cabeças da hidra voraz, verbas sua dieta principal, ou cardápios não ortodoxos, a considerar o fato de que metade dos ilustres membros do Congresso estar às voltas com problemas judiciais ligados às suas funções. Quase metade é demasiado vago, não é uma expressão correta? 10 (dez) não é um número aceitável? Está bem, reconsideremos; qual é, mesmo, a expressão, o percentual, o número melhor alinhado à realidade da situação? Há algo a saltar aos olhos: Com o Congresso das práticas atuais, no estágio a que chegou, o Brasil não tem qualquer chance.

Acabamos de assistir ao degradante espetáculo público de compra de votos pela utilização de verbas parlamentares, duas vezes em curtíssimo espaço de tempo, dinheiro público atirado nos danços de altas somas a fazer falta na Saúde e em tudo o mais que todos sabemos. Qualquer Presidente que se eleja será feito refém das esquisitices, do modo operacional de nossas legislaturas. E o mais curioso, e que os prováveis postulantes à cadeira legislativa estão soltos por aí, na prática já em plena compatilha com espaços disponíveis em canais de televisão aqui e ali simpáticos ao regime atual. Tudo como se uns e outros, candidatos a candidatos e canais de televisão, nãooubessem que o Presidente que não entrar na dança não governará, logo, continuará tudo como dantes no solar dos Abrantes. A Sociedade, a população, o nosso extenso cabedal de dificuldades, a absoluta falta de perspectivas compreendida no atual jeito oficial brasileiro de ser, tudo, tudo, não passa, para esses senhores, de abstrações, eles continuam sorridentes, felizes e promissivos. Mas as nossas realidades madrastras estão aí, machucando as pessoas de várias maneiras, afligindo-as, os desempregados, em quantidade superior a 13 (treze) milhões, a significar cerca de 40 (quarenta) milhões de brasileiros sem rumo, sem eira, nem beira, sem contar os nossos cerca de 50 (cinquenta) milhões de patricios vivendo abaixo da linha da pobreza num país (ainda, até quando?) rico, pleno de possibilidades e esclarecedor:

1. Quando da escolha do atual Ministro da Justiça, um político de Minas Gerais, contrariado, disparou: A Dilma virou as costas para nós e a tiramos, vamos tirá-lo também. Moral da história: É cultural nas modernas legislaturas brasileiras arranjar um jeito de defenestrar quem discorda de farras com dinheiro público, cargos e arranjos diversos, sempre gratificantes para os arranjanτες, sempre prejudiciais ao erário.

2. O Congresso Brasileiro, além de pródigo em despesas, é megalômano e hipertrofiado visto comparativamente às possibilidades do país. Independentemente da hipertrofia, o seu custo, inflado por benesses de todos os gêneros, não é apenas incompatível com as nossas possibilidades de mantê-lo, é absolutamente insuportável para a nossa Economia.

Estão querendo vender ativos para financiar despesas, sempre crescentes. Qualquer um com a mais sofrível experiência em administração econômico/financeira sabe que esse é o sinal de desespero, o atirar da toalha. Ignorância dos mais conhecidos princípios administrativos ou nova enganação enquanto Novembro não chega? Ficaremos sem os ativos e com as despesas crescentes.

A baderna catastrófica em que fomos onofados aponta para o caminho único da Constituição sem políticos. A quantidade de deputados/senadores precisa urgentemente ser ajustada às realidades do país, reduzindo-se também sua remuneração para um valor fixo, sem penducialhos de qualquer espécie, vedada sua majoração ou agregação de valores pelo próprio Congresso. A navalha de *Occam* precisa ser manejada de cima para baixo nas duas Casas. Menos Congressistas, menos cabeças para a hidra, menos problemas, um ou dois assessores, uma secretária, diminuição severa das verbas de gabinete, corte das verbas parlamentares; o prestígio eleitoral dos políticos não tem de ser pago pelo contribuinte, notadamente quando este não tem qualquer controle sobre a aplicação dos fundos. Há muito a ser revisto, reconsiderado e cortado. É um começo.

Você continua achando que Congressistas em grande número dificultam acordos esquisitos? Acorda patricio!...



TORNOU-SE INSUPORTÁVEL, UM OUTRO PAÍS PRECISA SER CONSTRUÍDO

PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 24 DE JANEIRO DE 2018

A necessidade de construção de um outro país não é figura de retórica. Nenhuma sociedade verdadeiramente decente caiu do céu no colo dos seus naturais; eles tiveram de lutar por ela. Reservem e exerçam os cidadãos suas franquias democráticas. Este é o caminho das Sociedades civilizadas. A teor do Instituto Processual, das melhores lições pertinentes e conforme a velha doutrina da Teoria da Prova, o fato notório dispensa comprovação formal. Uma realidade gritante, pois, tomado de perplexidade, o país assistiu na primeira semana de Agosto de 2016, na televisão e em todas as oportunidades em que os artefices do impedimento presidencial se manifestaram, ameaças a alto e bom som aos deputados tentantes a rejeitar o impedimento proposto; a intimidação aberta ressoou nos meios de comunicação e campeou franca e abusiva ante os olhos e aos ouvidos da nação, revogados *ad hoc* pelos baderneiros os comandos constitucionais de liberdade de consciência (Constituição Federal Artigo 5º, Incisos VI e VIII) e liberdade de expressão e pensamento (Constituição Federal Artigo 5º, Inciso IV).

Congressistas foram na prática impedidos pelos seus próprios pares de exercer livremente a função para a qual eleitos, fato inadmissível, da mais extrema gravidade, marca da atual Legislatura.

Os Congressistas ameaçados precisaram de respaldo em suas posições ordeiras, consequentes e funcionais. Ninguém se manifestou, presidência da Casa calou. Mediante ameaças, os artefices do impedimento presidencial impediram o voto livre no recinto do Congresso, justamente a Instituição que o restabeleceu na plenitude sob inspiração e comando de um dos seus mais ilustres presidentes, um batalhador das liberdades individuais, cujo espírito democrático seus sucessores obscureceram.

Havendo uma abração constitucional e jurídica dessa ordem frutificadora, o caminho abriu-se para todas as esquisitices vindas depois. (Remissão, artigos de 15 de Agosto de 2016 e 20 de Setembro de 2017)



UM DESASTRE E UMA SAÍDA JUSTA

PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 22 DE AGOSTO DE 2018

As primeiras pesquisas de opinião com vistas às próximas eleições presidenciais apontam o ex-presidente Luis Inácio em primeiro lugar com 37% das intenções de voto; o segundo colocado tem menos da metade (17%) das intenções de voto no ex-presidente, com os demais candidatos ocupando posições irrelevantes.

A cotação do dólar, acima dos quatro Reais, dá a medida da desconfiança no panorama eleitoral descortinado, a ele somando-se a situação econômica do país, o déficit exacerbado nas contas públicas e a falta de espaço orçamentário para qualquer coisa na próxima Administração. O que fizeram os senhores que de algo mais de três anos nos trouxeram a bagunça geral para a vida do país foi dar-lhe um no cujo desaste só Deus sabe quando se dará. Em análise final, pararam o Brasil, restando uma diferença fundamental: A crise da época, salva a parcela tocante à Economia internacional, arcaela enxada no nosso infelicidade econômica e causa da nossa desventura institucional, foi fabricada; a crise atual é real, decorrente de problemas históricos agravados pela incompetência e pelos desmandos praticados desde o impedimento da titular da Administração anterior. Constata-se com horror que a partir de então teremos, por baixo, por baixo, uma década perdida, que se pode estender, digamos, talvez mesmo com exagerado otimismo, até por volta de 2030. Se ficar só nisso. Que futuro tudo isso reserva ao Brasil?

O prejuízo provocado pela bagunça provocada é enorme, estapafúrdias as medidas adotadas na Administração atual. Estamos muito pior hoje do que estávamos há três anos.



Em cenário sem a presença do ex-presidente, temos o segundo colocado nas pesquisas recém-realizadas liderando as intenções de voto com 20%, sem ameaça efetiva dos demais candidatos e com um fato de arrearpiar: Convidado para os debates em curso de realização, o postulante circunstancialmente líder nas pesquisas simplesmente não compareceu. Ora, dir-se-á, quem lidera nada precisa dizer! É uma grande falha de raciocínio, ou desaviso. Ou, quem sabe, algo pior? Não se conhece de viva voz e em momento oportuno suas razões de postular a presidência da República. O que temos aí é um salto no escuro, com 20% da amostragem pretendendo votar na pregação negativa feita ao longo de anos sem saber, os 20% mais a nação como um todo, do tal pregação fala exatamente, não se podendo, à causa de sentimentos inquietantes, considero o que tem sido dito e ouvido mero recurso eleitoral. Perdemos-nos. A solução, pelo menos em princípio, dos nossos problemas, está no que tiraram do Brasil, não nas distorcidas razões de quem vê o mundo por um prisma de só violência, a ordem constitucional, jurídica e institucional tida por detalhe sem importância.

Estamos à beira do absoluto descrédito como Sociedade organizada e como nação; o país é decorrência. Como ficaremos na hipótese de provimento dos recursos pendentes do ex-presidente e como deveremos, nesse caso, encarar as eleições de Outubro? Nada contra a Lei da Ficha Limpa, apenas que ninguém no Brasil é considerado culpado até o trânsito em julgado da última instância judicial que lhe imponha condenação. A manutenção em Segunda Decisão de uma decisão de Primeira Instância não implica necessariamente culpabilidade. Assim, impedir um cidadão de concorrer democraticamente numa eleição à presidência do seu país, país esse exposto a riscos incalculáveis, sem a definição judicial final de sua culpabilidade é uma violência a exceder os mais extensos limites da intolerância e do menoscabo à cidadania, à justiça e às regras constitucionais. Como poderá o Brasil, com a nódoa da arbitrariedade que desatende os direitos e garantias individuais assegurados pela sua Constituição, mover-se no futuro entre as nações civilizadas, especialmente quando o cidadão paciente de tal violência é o homem que, por larguíssima margem, a população do país quer como seu Presidente? Como convencer o restante do mundo e a história que os fatos, tal como se desenham, não decorrem de mera perseguição política, que forças carentes de precisa identificação simplesmente decidiram ao arrepio da norma constitucional e legal que tal cidadão não deve concorrer à presidência por ameaçar posições adrede estabelecidas?

Afinal, que classe de realidade é esta que estamos vivendo no Brasil?

